

(22)

demanda

A ESTRATÉGIA DOS GRANDES BLOCOS DE PODER

Armando Corrêa da Silva

Prof. Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Comentário do conteúdo do projeto e relação bibliográfica preliminar.

A nova conquista territorial

A mais recente estratégia de poder do capital, em nível mundial, é a centralização-descentralizada, com a iniciativa de constituição de blocos econômicos, cujas relações ultrapassam as fronteiras geográficas dos Estados-Nações.

Isto abre ao trabalho um espaço de relações mundializado, dando novo caráter às migrações e trans-migrações.

Trata-se, então, de uma ampliação dos antigos mercados regionais, tornados agora globalizados.

O território, enquanto lugar de posse e domínio é, por isso, transformado em numerosos pontos de apoio das relações locais, regionais, nacionais e internacionais.

Tudo isso configura uma nova conquista territorial, que abrange inclusive o espaço aéreo e subterrâneo.

O valor do espaço torna-se suporte do valor no espaço.

A centralização-descentralizada é, assim, horizontal e vertical.

A territorialidade torna-se mais ampla em razão das inter-comunicações que põem o mundo na escala do indivíduo através das informações.

Os movimentos emancipatórios ganham força nos movimentos nacionais, regionais e locais.

Em contrapartida, a mundialização revive o cosmopolitismo e o internacionalismo, mas sob os impulsos da globalização, em que pese o renascimento dos conflitos étnicos.

O valor do espaço, o lugar das raízes territoriais, defronta-se com a dispersão provocada pela importância crescente do valor no espaço, que elimina ou transpõe barreiras anteriores.

A mentalidade individual e coletiva modifica-se gerando

nova. ... lidades.

Uma nova regionalização do capital e do trabalho impõe-se.

Esses movimentos macro-sociais-políticos, econômicos e culturais expressam-se, contudo, na consciência individual e no psicologismo social, nos inúmeros pontos de encontro, nos bares, nos restaurantes, nos aviões, nos trens, nos transportes coletivos diversos, nos aeroportos, nos hotéis etc.

A nova configuração territorial expressa a geração e transferência de valor espacialmente.

O fluxo financeiro

O estoque de moeda em circulação, disponível ou realizável, é um regulador do movimento do capital financeiro, expresso em meios de pagamento.

O capital está, assim, em permanente circulação, passando, como equivalente, de mãos em mãos.

No entanto, embora em movimento, parte dos meios de pagamento está se realizando como lucro, juros e renda, no fluxo do mercado, ou imobilizado em estoques de moedas estrangeiras, em papéis à prazo e em depósitos em instituições financeiras.

Mas, isto supõe um mercado regulado e apenas o funcionamento da economia no curto prazo.

A médio prazo é preciso, já, considerar a expansão ou a retração do mercado.

A longo prazo, trata-se, então, do movimento geral da economia.

Neste caso, é preciso levar em conta a saída de agentes econômicos do mercado, assim como a entrada de novos agentes.

Esse movimento tem em parte auto-sustentação e, de outra parte, depende de políticas privadas ou públicas, assim como do comportamento de produtores e consumidores.

No caso de uma política recessiva, trata-se de diminuir a quantidade de moeda em circulação, afetando a demanda.

No caso de uma política de crescimento, trata-se de considerar o investimento e, com ele, a questão de setores subsidiados e a disponibilidade de investir do setor privado ou do Estado.

Uma questão, então, crucial, no fluxo financeiro, é a do tamanho da população ativa mais os componentes inativos.

É que isto afeta a demanda e a oferta de bens e serviços.

Socialmente argumentando, a repressão da demanda não pode chegar a provocar a retração do mercado, incompatível com as necessidades mínimas da população, considerado inclusive o setor informal

... os sub-mercados secundários.

Individualmente argumentando, o fluxo irá depender da propensão a consumir ou poupar dos diversos agentes econômicos.

No caso de economias de alto grau de disparidades de renda, algum custo social ocorrerá, que terá que ser subsidiado direta ou indiretamente.

É o caso de economias que possuem um circuito auto-sustentado, que se relaciona com um circuito onde predomina o sub-consumo, originado de questões estruturais, do lado de demandas reprimidas, para manter a rentabilidade do circuito principal desenvolvido.

O impasse só se põe se o fluxo financeiro está sob controle de políticas restritivas aos novos investimentos e à criação de novos patamares de consumo, compatíveis com a modernização.

Novas tecnologias têm que ser desenvolvidas para que se rompa o círculo vicioso da miséria, que acaba afetando a parte já regulada do mercado.

No limite, começam a ocorrer deseconomias de escala.

No entanto, o principal obstáculo ao take-off, em economias que já alcançaram patamares médios, é de ordem extra-econômica.

O fluxo mercantil

O valor de troca só se realiza no mercado se alguém quer comprar e alguém quer vender.

A compra e a venda são, assim, condições normativas das relações mercantis.

Num mercado auto-sustentado compradores e vendedores realizam suas transações segundo a lógica do comércio.

A troca é o momento em que o capital chega ao término de seu processo de realização.

O ponto de chegada é o consumidor.

Mas, o consumidor necessita de recursos para realizar a compra. Esses recursos advêm dos salários e rendas ou do próprio capital.

Além disso, a necessidade de comprar é diversa da necessidade de vender, porque a demanda e a oferta de serviços é desigual.

Isto significa que a satisfação do consumidor e a satisfação do comerciante passam pela transformação dos valores de troca em valores de uso.

Estes últimos são valores para consumo ou são mercadorias.

Como valores para consumo são valores destrutíveis ou são bens duráveis, que são potencialmente valores de troca.

A troca deve realizar-se permanentemente e o capital pre

ssiona sentido de sua circulação, ou seja, na contínua transformação de valores de uso em valores de troca.

Mas, a troca, no mercado livre está sujeita a desequilíbrios, que só não provocam a desorganização do mercado porque o capitalista e o consumidor possuem expectativas complementares.

Como o sistema admite desigualdades, pode ocorrer a falta de um produto ou a propensão a não consumir, até certo limite.

Os agentes do mercado de troca sabem disto e procuram desenvolver suas ações de acordo com as possibilidades reais da produção, circulação, troca e consumo.

De algum modo, o Estado estará intergindo na condição do mercado não regulado para evitar sua ineficiência.

É que a lógica do mercado, em si mesma, exige um alto grau de racionalidade dos agentes, o que não acontece.

A expectativa liberal é a de que as desigualdades sejam auto-corrigidas.

A expectativa neo-liberal é a de que o Estado corrija as distorsões minimamente, mas não a ponto de impedir a liberdade de iniciativa do comércio e do consumo.

As novas fronteiras

A circulação espacial do valor ultrapassa as barreiras físicas e políticas.

Não obstante, as barreiras psicológicas substituem os antigos entraves aos fluxos do capital e do trabalho.

À medida que a competição pelo espaço ganha força, no processo de concentração das decisões, a flexibilidade dos capitais novos ultrapassa a inércia do valor do espaço.

Com isso, vão desaparecendo os obstáculos criados pelos muros psicológicos.

Isto decorre da política de abertura dos mercados num espaço tornado global.

Por sua vez, a descentralização reaviva os interesses locais, regionais e nacionais.

No entanto, a criação de novos espaços para o trabalho depende da empresa e do Estado.

Assim, as políticas anteriores e novas defrontam-se num jogo de barganhas em que ninguém quer perder, o que provoca a valorização dos espaços de modo diferenciado e múltiplo.

A oferta de localizações depende da substituição de espaços tornados escassos, por espaços liberados por novos capitais tornados baratos.

Os espaços geográficos ganham novos usos em função das novas tecnologias ambientais.

Isto representa uma ampliação dos espaços existentes.

Os espaços antes marginais aos fluxos privados e públicos tornam-se valores de troca, que interessam aos capitais públicos e privados.

O espaço dos países avançados está chegando aos limites da escassez, o que valoriza os espaços disponíveis dos países em desenvolvimento.

Assim, os espaços disponíveis em países muito atrasados é um espaço reserva, que o Estado-Nação pode valorizar.

As novas fronteiras são suportes territoriais da expansão do valor no espaço.

Elas são criadas de várias formas pelo capital e pelo trabalho, ambos em expansão, em razão dos limites políticos estabelecidos no passado, com os quais se defrontam.

A velocidade de expansão das novas fronteiras é desigual porque os capitais fixados tornam-se obstáculos à constituição da superfície isotrópica.

As diferenças, portanto, aumentam em função dos usos e sobreusos do espaço.

Torna-se, então, econômico, o uso alternativo das localizações.

No limite, o crescimento vertical torna-se uma necessidade, mesmo que contra os requisitos do equilíbrio ambiental.

O espaço é infinito, mas a Terra é pequena.

Limites à expansão

A memória interna retém a informação pretérita. Não pode expressar-se senão por meio da emoção revivida.

Mas, é preciso acionar a consciência interna sem o que não se põe a comunicação anterior.

Na pessoa, a consciência interna só se põe em movimento através do voltar-se sobre si mesma.

No computador, subjetividade objetivada, a consciência é sempre externa, que o winchester pode reter.

Assim, a cidade informacional tende a colocar a memória externa em constante atividade, construindo um passado que se põe como presente e futuro.

Na pessoa, o arquivo mental precisa ser acionado pela lembrança.

Quem não tem futuro precisa recordar para viver.

Assim, também a computação. Ouvir a gravação anterior é

retoma a consciência no ponto em que se parou o trabalho.

O valor está então imobilizado no chips. E pode ser acionado a qualquer momento.

A comunicação é, por isso, reversível e irreversível.

Reversível, porque pode ser reproduzida. Irreversível, porque as novas tecnologias transformam, continuamente, as tecnologias anteriores em capital e trabalho mortos.

Só as pessoas podem reviver a emoção. O computador não se emociona.

Então, a emoção revivida rearticula as consciências interna e externa, assim como as memórias interna e externa.

A eletrônica avançada eliminou a interferência do calor, em alguns casos.

No xerox, há necessidade do pre-aquecimento da máquina.

No computador também, mas "a posteriori".

No caso das sociedades, em que o fenômeno se multiplica, o passado depende, no entanto, das consciências individuais.

A expansão da memória torna-se necessária para o retorno da teleologia.

Os limites à expansão se põem, então, quando passado, presente e futuro estão desarticulados, o que afeta a geração e transferência de valor.

No espaço, a expansão não tem limites.

Nas pessoas, ela depende das memórias interna e externa.

Nacionalismo e internacionalismo regionais

A mundialização, proveniente do período técnico-científico, expressa-se de forma diferenciada no globo.

Ela fez ressurgir as demandas regionais mas, agora, permeadas pela formação de mercados nacionais e internacionais, de um modo diverso do passado.

Assim, o nacional e o internacional explicitam-se através da globalização do valor do espaço local, através da mídia.

É que formam-se excedentes locais e regionais que, apesar da exportação de capitais para os centros de decisão, são aplicados em fluxos e fluxos localizados nos sub-mercados, que se articulam nas cidades pequenas, médias e grandes.

No entanto, a maior expressão do fenômeno, como mercado de consumo, é a metrópole, onde o regional está presente, sem que seja a antiga contradição entre o campo e a cidade.

Tudo isto faz ressurgir o nacionalismo e o internacionalismo, que têm que se adaptar à era da informatização da comunicação.

O valor do produto está agora definido pela linguagem que

representado, num universo em que também o cosmopolitismo ganha novos contornos.

O parâmetro comum a essas transformações é uma nova democracia, que redefina as coisas, as pessoas e as idéias.

Nesse caso, a subjetividade intervém nos processos de produção e consumo, mas de modo objetivado.

É uma nova forma de reificação, tornada consciente.

Ou seja, a alienação transforma-se, ela própria, em valor de troca, dando novas características à percepção.

Cria-se, assim, um mundo em que estão separados o eu fenomenológico e o eu científico e técnico.

A filosofia desempenha aí um papel. Ou seja, ser nacional ou ser internacional implica na afirmação do regional alterado pelo choque tecnológico.

Essa alteração é contraditória e relaciona o interior e o litoral de forma nova.

O Estado-Nação continental relaciona-se ao Estado-Nação litorâneo através de fluxos que ultrapassam as rugosidades terrestres e marítimas.

Contudo, o nacionalismo e o internacionalismo regionais, na forma de blocos, dão à mundialização um contorno múltiplo e pleno de contradições.

A linguagem dos blocos

O controle à distância permite o funcionamento dos fluxos de modo altamente eficiente e econômico.

Contudo, dependendo do comportamento de produtores e consumidores, o controle direto pode tornar-se uma necessidade.

A razão não é algo ligado à operação informática, mas às diversas noções de racionalidade dos usuários dos sistemas que permitem articular os blocos.

Entretanto, razões sociais interferem nos fluxos, o que indica a existência de um problema ligado às políticas dos blocos.

Assim, a centralização-descentralizada opera com um custo que deve ser previsto no plano.

É que é possível obter vários graus de eficiência, na dependência dos padrões culturais existentes.

As disparidades entre os blocos dependerão, então, do tipo de complementaridade possível, na consecução da sinergia desejada e possível.

Por isso, a tecnoburocracia pode tornar-se um fator de avanço ou de atraso, se não contar com o apoio da codificação adequada a cada situação de desempenho de papéis em uma situação dada.

A alta complexidade contemporânea, fruto da própria democracia que se deseja, exige o bom desempenho diacrônico e sincrônico dos processos econômicos, sociais, políticos, culturais e psicológicos.

Um dado preliminar, para se atingir o ótimo em uma situação, depende da estabilidade da organização do espaço adequada àqueles parâmetros e dos problemas de meio ambiente resolvidos.

Por isso, o grau de eficiência em alguns países e regiões do globo é maior ou menor, segundo o patamar de avanço técnico-científico alcançado na sua solução.

.....

A linguagem dos blocos depende da padronização de símbolos e sinais, segundo diretrizes convencionadas internacionalmente, nacionalmente, regionalmente e localmente.

Como a sociedade é desigual e diferenciada, são necessários procedimentos informais que transponham os obstáculos postos pelas rugosidades.

Esses recursos existem mas eles só se efetivam em relações de cooperação e entendimento não autoritários.

Padronização dos sistemas

A padronização dos sistemas pode ser elaborada através de modelos simulados.

No entanto, seu funcionamento depende da regulação do mercado e de um comportamento racional dos agentes econômicos e políticos.

A padronização desejável naqueles casos em que é necessária a eliminação de atritos. O Estado e a empresa precisam dessa padronização para o bom desempenho dos sistemas.

No entanto, a padronização tende a tornar difícil o atendimento das necessidades particulares e singulares.

Por isso, a flexibilidade é fundamental.

O padrão holístico parece atender êsses requisitos, quando se dá a articulação de sub-sistemas.

No entanto, tudo isso depende de hábitos de consumo e da moda, que é uma imposição nem sempre de interesse do consumidor.

Daí a necessidade da criação de alternativas capazes de sintonizar meios e fins.

Como, por exemplo, distribuir renda de modo a atenuar as desigualdades?

É preciso que existam normas que sejam socialmente aceitas por produtores e consumidores.

Atividades extra-econômicas como a educação e o ensino tornam-se, então, prioritárias na criação de padrões civilizatórios

compatíveis com a elevação de níveis de eficácia, adequados às necessi-
dades humanas.

Mas, como resolver os problemas decorrentes das diversas
posturas ideológicas e de crenças tradicionais?

Trata-se, por isso, de redefinir os graus de liberdade, com-
patíveis com as diferenças e desigualdades.

Entretanto, as pessoas tendem a lutar por novos patamares
de produção e consumo, levadas a isso pelo imaginário.

Uma sociedade bem organizada é apenas um requisito para o
atendimento das necessidades e liberdades postas.

Desejar mais do que isso defronta-se com resistências ins-
titucionais, decorrentes de transformações anteriores satisfeitas.

Como avançar sem que se percam as conquistas adquiridas?

Os padrões sistêmicos podem ser utilizados como modos de
não oposição ao que se deseja inovar.

A liberdade na padronização implica uma organização do es-
paço e um meio ambiente propícios aos sonhos e às utopias.

A decodificação das mensagens espaciais

Uma mensagem é algo que parte de um transmissor e chega a
um receptor. A mensagem é mais do que uma informação. É uma informação
que é comunicada.

Isto subentende que o código tenha uma coerência interna,
que permita sua decodificação.

Vivemos em um mundo repleto de mensagens, que podem partir
do sujeito ou de objetos, sob a forma de estímulos.

Se a informação precede a comunicação a mensagem é captada
pelo receptor subjetivamente ou objetivamente.

Há informações que não comunicam, quando a mensagem não é
decodificada pelo receptor.

Isto significa que a decodificação pode ser orientada ou
espontânea.

Trata-se, no caso do sujeito, daquilo que desperta a aten-
ção, ou seja, de algo que fala aos sentidos ou interessa à intersubje-
tividade.

Por isso, há uma intencionalidade que parte do transmissor
e que deve chegar ao receptor.

De certo modo, este é o papel do marketing na venda de um
produto.

A mensagem deve atingir a preferência do consumidor, o que
pressupõe um conhecimento da cultura.

Assim, devem ser consideradas as inovações. Elas atingem
os valores individuais e coletivos, transformando-os.

a mensagem pode ser a cõr, o gesto, a imagem, um a lline do produto.

O novo desempenha aí um papel que, no entanto, deve ter uma correspondência subjetiva ou objetiva. No entanto, a modernização conservadora é inversa da modernização revolucionária.

Esta última significa uma redefinição radical da mensagem.

Ela imprime velocidade aos sentidos e à consciência. E cria uma atmosfera espacial que implica numa decodificação sincrônica instantânea.

No entanto, o novo atrai as indeterminações, que são mensagens que estão perdidas no espaço.

Daí, a definição de situações novas que entram em atrito com o estabelecido padronizado.

A decodificação das mensagens espaciais, por isso, podem desempenhar um papel sinérgico ou dispersivo.

Isto, porque são as imagens que orientam as escolhas. Elas vêm de fora e procuram adequar as pessoas a padrões.

O sujeito não alienado agirá, então, no sentido de codificar a situação segundo padrões de razão adequados ao valor da mensagem.

Os atritos e a tecnologia

Há diversos tipos de atrito: as rugosidades, os elementos intervenientes em determinados mecanismos, as intromissões emotivas pretéritas, os choques tecnológicos, os impasses políticos e institucionais e muitos outros.

O tecnólogo clássico consegue lidar com uma grande quantidade e qualidade de interrupções dos fluxos.

O tecnólogo moderno, no entanto, dispõe de maiores recursos para lidar com a transdisciplinaridade.

Esta, provoca uma interferência nos limites das dissonâncias, provocando formas ilimitadas de relações conflitivas.

Contudo, os atritos são também formas de expressão da diversidade humana, que a tecnologia nem sempre leva em consideração.

A sinergia deve, por isso, ser coordenada, na demanda do desempenho das funções de primeiro e segundo graus.

Nas situações já padronizadas o funcionamento tende a atender à expectativa dos atores da situação.

Mas, defrontam-se, nesses casos, as contradições entre o trabalho fácil e o trabalho difícil.

A flexibilidade pós-moderna torna-se, então, o dispositivo capaz de fornecer diretrizes em direção à capacidade planejada de obter uma relação custo-benefício correta.

É como por-se em movimento a estrutura.

Como se move uma estrutura?

Considere-se o globo terrestre e o crescimento da população , que está distribuída no espaço.

O movimento de rotação da terra configura, nesse caso, um tipo particular de movimento estrutural.

Trata-se de uma relação entre os fixos e os fluxos.

O lugar representará a determinação territorial dos fixos.

O conjunto de artefatos espaciais em órbita representará a determinação territorial dos fluxos.

O território, suporte da estrutura, confunde-se, nesse caso , com o conjunto do espaço geográfico.

Na consideração dos blocos de poder, como se move a estrutura?

Através das relações de domínio territorial, agindo os Estados como referenciais políticos.

No entanto, o movimento estrutural é multidimensional e se expressa por meio das dimensões absoluta, relativa e relacional do espaço.

Assim, o tempo sideral confunde-se com o tempo cotidiano.

A inovação tecnológica, que ocorre em um ponto do espaço geográfico, sem que se tenha necessariamente a informação e a comunicação através da mensagem, irá manifestar-se na existência individual ou coletiva.

Como?

Por meio do produto.

Mas, o produto é um conjunto de relações, às vezes, indeterminadas.

Só o tecnólogo pode decodificar, então, a informação e a comunicação e codificá-las.

O código, aí, indicará a direção e a velocidade do movimento da estrutura.

Como no caso de um automóvel.

No entanto, a variável humana introduz um complicador, porque interfere no maquinismo, no mecanismo e nas funções.

Há que considerar, por isso, o papel dos indicadores eletrônicos de 1ª geração.

Como o eletrônico relaciona-se com o equilíbrio ecológico?

Pode dar-se o caso de se tratar de uma black-box.

Certos procedimentos práticos podem, apesar disso, ultrapassar a consciência tecnológica através do olhar, do vêr, do enxergar e da observação, que é um nível mais complexo de intervenção no real.

É que ocorre, aí, uma interferência direta na estrutura por meio do trabalho manual e da verificação empírica.

O avião invisível

A transparência transforma-se em visibilidade, que a velocidade oblitera.

Reduzir a velocidade torna possível a reversibilidade.

A operação, nesse caso, demanda a sofisticação dos indicadores da sensibilidade e dos sentidos.

Elitrição?

Os obstáculos serão transponíveis?

A dúvida é desconfiança?

É uma pergunta ou uma resposta?

Como saber?

Só o avião sabe.

Mas, o avião é mulher, solta no espaço das imprevisibilidades.

As sólidas barreiras do pub pós-moderno indicam para onde.

O espaço vazio: eis a questão.

De onde vem a luz que ilumina o insight?

O embalamento do pop não é suficiente.

Mas a invisibilidade poder ser apenas o conteúdo real, que a timidez desfaz em miríades de inimidades possíveis.

No silêncio ativo do nível abstrato, no espaço inatingível pelo radar, o tempo e o espaço têm outra dimensão.

Na ausência, que é invisibilidade, a imaginação projeta o possível.

Então, é preciso dar um tempo.

O tempo do rock?

A forma aparente pode por-se no de repente.

Mas, e a fixação da mente, no objetivo sem resposta?

Só a 2ª geração pode responder.

Então, a espera, que aponta para o imponderável.

O argumento do aqui e agora, interpõem-se ao diálogo difícil.

Sincronizar a afeição?

Ou um instante perdido?

O coração tem razões que a análise conhece.

Mas, a situação é limite sem diagnóstico.

O sorriso que é apenas vislumbrado ilumina a ilusão.

Mas, a desconfiança desfeita torna possível o relacionamento eticamente pôsto.

Como transpor uma dificuldade já decodificada?

De quem deve partir a iniciativa?

Um toque sutil, talvez.

Mas, o que é um "toque" pós-68?

Põe-se, por isso, a mediação.

A situação é difícil porque o espaço é pouco.

Não, não é por aí.

O salto no escuro talvez seja a solução que se defronta com a crítica de costumes.

No momento em que o movimento recua, as funções ultrapassam a utopia do espaço vivido.

Por onde?

.....

A 5ª possibilidade esboça um contorno.

Aquário é pós ou ante?

A descontração é o ato.

A tensão pretérita se desfaz na igualdade do tempo cronológico.

A mediação é complexa, entre o capital de serviços e a invisibilidade agora aparente.

Ou real?

O jogo coloca outra dimensão na relação que tem a determinação das posições.

Situação difícil!

Ocorre-me o Chico: "ela é bailarina e eu sou funcionário".

Não obstante, as diferenças podem ser modificadas pela tecnologia.

Fluxos ou fixos?

Mercadoria ou produto?

A invisibilidade se transforma em observação dividida entre localizações da sensibilidade e das emoções ...

Ciúmes?

Ser ou não ser não é a questão.

A determinação da necessidade consciente dirige a perspectiva.

Pois, o futuro está ali e não aí, embora o confronto seja desigual.

Mas, há que decidir, apesar da necessidade.

Você ou você?

Ou novas variáveis?

Mas, a trindade é religiosa.

Os outsiders não apreciam a ambigüidade.

Então, o diagnóstico possível passa pela imponderabilidade.

Disse Dick Farney: "Todos nós temos na vida, um caso, uma loja".

Mas, isso é passado.

Como resolver o problema da reversibilidade nova?

Os apêlos são enigmáticos, mas decodificáveis.

Como ter 1,80 m?

Como resolver os problemas que o avanço democrático propõe?

Não basta propor.

O aceno é bemvindo e abre inusitadas alternativas.

A questão ética, que tem implicações morais, demanda ofertas que tornam a invisibilidade possível sem restrições anteriores.

Transpor os obstáculos da História e da história, implica em lançar-se à aventura sem medo porque "nada será como antes".

Eis a modernidade posta.

Mas, e a pós-modernidade?

Há que ter flexibilidade.

O novo-pós é possível.

O limite transpõe o diagnóstico.

A guerra para-militar

Inevitável, se a guerra fria terminou. Mas ela continua sob outras formas.

Impossível fazer ^odesaparecer o aparato bélico de um instante para outro.

A guerra para-militar expressa-se no barulho, que não é som nem ruído.

No flash que espouca no rosto, na vernissage, na festa de aniversário, na reunião da Associação.

Por um momento, a retina contrai-se e não volta ao normal, pois modifica-se com a luz de sódio ou mercúrio.

Assim, torna-se preparada para não perceber a explosão dos cartazes que anunciam as atividades dos outsiders.

A guerra para-militar expressa-se também no ar poluído que o organismo assimila até o possível, na toxidade que torna o ambiente metropolitano diferente do ambiente urbano pretérito.

A poluição sonora explode em decibéis de curta duração que o consumo torna suportáveis.

As novas gerações já nascem imersas no caos ambiental que contém os ingredientes da violência mercantilizada e ordenada no capitalismo de organização.

A contradição resolve-se no comportamento que é educado na concentração que abstrai o entorno.

Qual o limite socialmente necessário da toxidade desejada?

A elitização é característica da primeira natureza ou é indução da sociedade de massas, intuída pelo indivíduo cuja sensibilidade encontra-se mobilizada por recursos adaptativos, quando os sentidos encontram-se em vias de desaparecer?

A mensagem ecológica abre a perspectiva utópica do desenvolvimento sustentável e, com ele, a possibilidade de solução da negação da negação.

Mas, onde o verde no bar alternativo?

A consciência ambiental urbana esconde o ecológico em lugares inaptos ao consumo, como se a natureza fosse incompatível em sua atividade com a toxicidade natural do carbono, do enxofre etc.

Mas, do lado de fora, na cidade externa, a sociabilidade defronta-se com o conforto da cidade interna.

Então, a opção é inevitável: a esperança dos encontros é mais forte do que o anonimato da rua, no frio da noite de domingo num bairro qualquer.

A guerra para-militar tem suas razões, que a corrida armamentista ignorou por muito tempo.

Difusão dos efeitos globais

O produto é um resultado. Difere da mercadoria que é um valor.

A produção e consumo da mercadoria é a produção e consumo de um produto. Por isso, a mercadoria e o produto têm em comum o seu uso e sua troca.

De outro modo, são bens e serviços. No primeiro caso a referência é a fábrica e no segundo o mercado.

Para o tecnólogo, mercadoria e produto são coisas diversas.

A mercadoria é a parte, o produto é o todo.

Mas, o todo e a parte nas subtotalidades postas.

No fluxo, mercadoria e produto são intercambiáveis. Um exerce efeito útil sobre o outro.

Nessa acepção, ambas relacionam-se ao capital técnico, que está incluso nos processos de decisão.

O que é, então, um efeito global?

É um efeito de imagem hegemônica.

A difusão dos efeitos globais percorre o espaço das emoções, unindo o que está separado sincronicamente.

A imaginação é transportada pelos signos ao mundo da desalienação (o relaxamento das tensões) alienada (o voltar-se para seus próprios interesses).

É o cuidar de si mesmo.

.....
Andar a pé é mergulhar na cidade interna, onde as difusões dos efeitos globais expressam-se como cotidiano sem pressa.

Na cidade externa, a cidade da informação e da comunicação, os efeitos globais são fantasias que a cidade interna recodifica na intimidade da comunidade.

.....
Andar de automóvel é vivenciar ambas as cidades através dos fluxos e dos pontos de encontro.

Mas a memória registra o encontro como momento não reversível.

memoria perdida deve tornar-se irreversibilidade, quando a visibilidade é possível.

.....

Por trás do efeito global estão os atores da situação.

Se as cidades interna e externa são simultâneas, o encontro pode dar-se no ato do trabalho ou no ato do lazer.

Como as estratégias dos blocos de poder relacionam-se com a i magem apenas vislumbrada dos efeitos globais?

O tempo se acelera.

O espaço se retrai.

O posicionamento do "aqui e agora" torna-se pretérito.

Somos antes ou depois?

Não há o que responder na espera inútil que a distância regis

tra.

Até o futuro, que o passado tem exigências.

A coesão monetária

A moeda mundial é um referencial de valor. No entanto, ela só existe como forma particular nas relações financeiras.

Ela regula o valor, nos diversos países, mas na mediação das moedas nacionais. Daí a importância do câmbio.

No processo de troca de moedas o valor pode exceder o mercado oficial de divisas.

As economias nacionais possuem modos específicos de relacionamento com a moeda mundial, porque o mercado mundial ainda não é uma realidade. Ele se expressa na flutuação do valor financeiro e na manipulação da moeda como mercadoria.

Por isso, também aí existe o valor de valor.

A existência da moeda mundial tem como lastro o ouro que este também é uma forma de moeda, que define o equivalente.

Mas, o dinheiro expressa o preço dos bens e serviços que se põem no mercado como produtos.

No comêço do processo está pois a produção desses bens e serviços.

O capitalismo evoluiu no sentido de poder exercer a troca na expectativa futura da produção.

O mercado de ações reflete a flutuação dos preços na relação com a produção e as expectativas de consumo.

No entanto, na retaguarda dos mercados locais, regionais, nacionais e internacionais está a moeda mundial regulando os fluxos financeiros.

Os grandes blocos de poder, unificando tarifas, impostos e regulamentos aduaneiros tendem a tornar a moeda mundial cada vez mais uma realidade concreta.

O que representa hoje o dinheiro?

Seria apenas um meio de troca e de pagamento?

Ou possui um valor próprio que representa o PIB?

Que significado tem o PIB mundial?

A concentração-dispersão, transformada em centralização-descentralização aponta em direção à coesão monetária, como meio de unificar o capital e o trabalho num mercado regulado de dimensões planetárias.

Como se dá a relação entre o econômico e o político?

A inutilidade do poder

O poder é um dado do real que tem suas raízes em primeiro lugar nas diferenças.

Há diferenças naturais e culturais.

Ambas estão continuamente gerando desigualdades que têm por base a diversidade da natureza e das culturas.

Por isso, os direitos e deveres são o ponto de partida da definição de papéis econômicos, sociais e políticos.

Na esfera jurídica e política as igualdades são pressupostos das socialidades estáveis, em que a redistribuição da renda é individualmente aceita como compatível com as diferenças.

A inutilidade do poder é uma consequência das necessidades satisfeitas e das liberdades adquiridas.

A ambição de mandar é uma criação da vida social, que depende de fatores genéticos, formadores da personalidade e do aprendizado, desde a infância.

A educação tem assim um papel importante a desempenhar na formação do ser democrático.

A democracia plena e regulada é capaz de criar a convivência civilizada que torna inútil o mandar, fonte do poder.

Mas, é preciso que a paz de espírito seja um bem individual e social desejável.

Isto não é incompatível com as mudanças socialmente e individualmente necessárias, que não são alheias à convivência diferenciada.

Os sentimentos e emoções não devem ser bloqueados pelo poder estabelecido.

Por isso, os preconceitos devem ser combatidos para que se alcance a igualdade, quando então o exercício do poder de mando torna-se inútil.

... suas presentes, as diferenças e desigualdades manifestam-se nas esferas do político e do militar.

O poder militar torna-se inútil se a sociedade consegue auto-regular-se e estabilizar suas instituições.

O poder político torna-se inútil se a sociedade e os indivíduos conseguem harmonizar suas diferenças e desigualdades.

A inutilidade do poder defronta-se, assim com a utopia e a contra-utopia.

Função e disfunção

A constituição de grandes mercados internacionais, a leste e oeste, ao norte e ao sul, estão configurando uma nova ordem mundial que se apóia numa sociedade nova, emergente, neste fim de século.

O que é agora o indivíduo?

Como transpor as fronteiras na livre iniciativa dos negócios, do trabalho autônomo e na condição de assalariado?

Existe um livre trânsito ao nível do poder de Estado e de certas atividades como o esporte.

No entanto, as realidades locais, regionais, nacionais são obstáculos a uma visão mundial mais generosa.

O internacionalismo democrático metropolitano parece apontar, na efetividade da pós-modernidade, para um novo tipo de relação psicosocial que ultrapassa os condicionamentos pretéritos, abrindo perspectivas inusitadas de criatividade, em direção à utopia do planeta solidário na condição de nave espacial, que precisa ordenar seu espaço e meio ambiente para poder enfrentar em condições vantajosas a aventura espacial.

Se o espaço é infinito e a Terra é pequena, a mudança de mentalidade torna-se uma necessidade.

A liberdade assim posta abre inusitadas possibilidades de alcance do futuro que se realiza a cada instante em que a decisão é tomada.

Para que o movimento se ponha, como um todo, nessa direção, é preciso que a ciência e a tecnologia criem os suportes do avanço em direção ao impossível.

Mas, a dimensão humana multiplica-se no sentir, no pensar e no agir do cotidiano, onde se definem o conjunto das ações e relações sociais que propõem a indeterminação e o imponderável.

Por isso a aventura do novo, no instante que se mostra de repente, na imprevisibilidade da conduta não alienada, é o que impulsiona a razão e os sentimentos, nessa procura do outro que não pode deter-se na rotina negativa dos inputs que não despertam a vigência da elitricção.

Quando?

Bibliog. Contextual

- Albertsen, N; (1988) Postmodernism, post-Fordism and critical social theory, *Society and Space*, 6, 3. 339-366
- Anastassopoulos, J.P. (e) Dusaige, P. (1983) Transformer les avancées technologiques nationales en avancées technologiques mondiales, *Revue Française de gestion*, 6-12, 42.
- Ansoff, I. (1981) *Stratégie du développement de l'entreprise*, Paris, Les Editions de l'organisation, 168 p.
- Aydalot, P. (1985) *Economie régionale et urbaine*, Paris, Economica, 487 p
- Aydalot, P. (1986 a) Les technologie nouvelles et les formes actuelles de la division spatiale du travail, Paris, Dossier du Centre Economie, Espace, Environnement, n° 47, 55 p.
- Benko, G.B. (1986) Quelques considérations sur les activités de pointe, *BAGF*, 4, 329-339.
- Benko, G.B. (1988) Technologies nouvelles, développement urbain et changement social, Benko G.B. ed. *Les Nouveaux aspects de la théorie sociale*, Cgen, Paradigme, 8, 1-8, 13.
- Breheny, M. (e) Mc Quaid, R. (1987) *The Development of High Technology Industries: An International Survey*, London, Croom Helm, 368 p.
- Brotchie, J., Hall, P. (e) Newton, P. eds. (1987 a) *The Transition to an Information Society*, Brotchie, J., Hall, P. (e) Newton, W. eds. *The Spatial Impact of Technological Change*, London, Croom Helm, 435-450.
- Brotchie, J., Hall, P. (e) Newton, P. eds. (1987 b) *The Spatial Impact of Technological Change*, London, Croom Helm, 496 p.
- Browning, J. (1980) *How to Select a Business Site*, New York, Mc Graw-Hill.
- Buckley, P.J. (e) Casson, M. (1985) *The Economic Theory of the Multinational Enterprise*, New York, St. Martin Press.
- Castells, M. (1984 a) *Technological Change, Economic Restructuring and the Spatial Division of Labour*, Ciel. Vienna
- Castells, M. ed. (1985) *High Technology and Society*, London, Sage, 320 p.
- Cooke, P. (1983) Labour Market Discontinuity and Spatial Development, *Progress in Human Geography*, 7, 543-65.
- Derian, J.C. (1987 b) La Haute Technology américaine: ressorts et stratégies, *Futurible*, 11, 47-81.
- Fischer, A. (1990) Les effets géographiques des technologies nouvelles (approche générale), *Notes de recherche, CRIA*, Paris, n° 22.
- Froebel, F., Heinrich, J. (e) Kreye, O. (1980) *The New International Division of Labor*, Cambridge, Cambridge University Press.

- Gilly, J.P. (1987) Innovation et territoire: pour une approche méso-analytique des technopôles, Toulouse, Communication au Colloque international "Villes et Technopôles", 23-25 septembre, 19 p.
- Globerman, S. (1981) Informatique dans le secteur tertiaire, Ottawa, CEC.
- Hayter, R. (e) Watts, R. (1983) The Geography of Enterprise: A Reappraisal, Progress in Human Geography, 7, 157-81.
- Hennart, J. (1982) Theory of Multinational Enterprise, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- Hepworth, M.E. (1987) Information technology as spatial systems, Progress Human Geography, 11, 2, 157-180.
- Horwitch, M. (1986) Les nouvelles stratégies technologiques des entreprises, Revue Française de gestion, 56-57, 157-174.
- Janvier, Y. (1985) Economie et pratiques territoriales de développement, les rôles des technopôles?, Paris, Espaces prospectifs (DATAR) 2, 91-12.
- Johnston, R.J. (1986) The state, the region, and the division of labor, Scott, A.J. (e) Storper, M. eds. (1986) Production, Work, Territory, The Geographical Anatomy of Industrial Capitalism, London, Allen & Unwin, 265-280.
- Keinath, W.F. (1985) The Spatial Component of the Post-Industrial Society, Economic Geography, 61, 223-240, n° 26.
- Lipietz, A. (1983 a) Les transformations dans la division internationale du travail: considérations méthodologiques et esquisse de théorisation, Paris, CEPREMAP, Mémoires n° 8302, 39 p.
- Lipietz, A. (1985) Le national et le régional: quelle autonomie face à la crise capitaliste mondiale?, Paris, CEPREMAP, Mémoires n° 8521, 35 p.
- Malecki, E. J. (1984 a) High Technology and Local Economic Development, APA Journal, 50, 3, 262-269.
- Mandel, E. (1985) La crise, les faits, leur interprétation marxiste, Paris, Flammarion, 350 p.
- Markusen, A. (1984) Defense Spending and the Geography of High-Tech Industries, Berkeley, University of California, Institute of Urban and Regional Development Working Paper n° 423, 42 p.
- Meier, R. (1987) Thinking Beyond Post-Industrial: The Social Perspectives, Brotchie, J., Hall, P. (e) Newton, W. eds. The Spatial Impact of technological Change, London, Croom Helm, 407-423.
- Nicol, L. (1985) Communications Technology: Economic and Spatial Impacts, Castells, M. (1985), High Technology, Space and Society, London, Sage, 191-209.
- Oakey, R.P. (1981) High Technology Industry and Industrial Location, Aldershot, Gower, 134 p.

- Oakey, R.P. (1984 a) High Technology Small Firms, London, Frances Pinter.
- Oakey, R.P. (1984 c) High Technology Industry, *Geography*, 303, 157-159.
- Perrin, J.C. (1984) Dynamique locale, division internationale du travail et troisième révolution industrielle, Vienne, CIGL, 1984.
- Perrin, J.C. (1988) New Technology, Local Synergies and Regional Policies in Europe, Aydalot & Keeble eds. High technology Industry and Inovative Environments: The European Experience.
- Porat, M. (1977) The Information Economy: Definition and Measurement, Washington, D.C., US Departement of Commerce, Office of Telecommunications, OT Special Publications 77-12 (1).
- Pottier, C. (1986) Innovation locale et stratégie des groupes, Paris, Communication au colloque ASRDLF, "Technologies nouvelles & développement régional", 1-3 septembre.
- Ramsey H. (e) Beirne, M. (1987) Information Technology and Workplace Democracy, London, Croom Helm, 240 p.
- Ross, R. (1983) Facing Leviathan: Public Policy and Global Capitalism, *Economic Geography*, 59, 144-60.
- Rushing F.W. (e) Brown, C.G. ed. (1986) National Policies or Developing High Technology Industries, International Comparisons, Boulder, Co., Westview Press, 247 p.
- Sayer, R.A. (1985) New developments in manufacturing and their spatial implications: from flexible manufacturing systems to just-in-time, Paper presented at Lesvos Conference on Spatial Structures and Social Process, Greece, August.
- Schmeder, G. (1984) Les interprétations technologiques de la crise, *Critiques de l'économie politique*, 26/27, 1-52.
- Schoenberger, E. (1988) From Fordism to flexible accumulation: technology, competitive strategies and international location, *Society and Space*, 6, 3, 245-262.
- Scott, A.J. (1986 b) Industrial Organization and Location: Division of Labor, the Firm and Spatial Process, *Economic Geography*, 62, 3, 215-231.
- Scott, A.J. (e) Storper, M. (1986 a) Industrial change and territorial organization: a summing up Scott, A.J. (e) Storper, M. eds. (1986) Production, Work, Territory. The Geographical Anatomy of Industrial Capitalism, London, Allen & Unwin, 303-311.
- Scott, A.J., Storper, M. eds. (1986) Production, Work, Territory, The Geographical Anatomy of Industrial Capitalism, London, Allen & Unwin, 344 p.
- Stohr, W.B. (1986) Territorial Innovation Complexes, Paris, Colloque...
- Storper, M. (1988) Big Structures, small events and large process in economic markets, *Environment and Planning A*, 20, 2, 165-185.

- Tornqvist, (1987a) Toward a geography of creativity: The world economy and the spatial organisation of power, Jerusalem, European Science Foudation.
- Vernon, R. (1966) International Investment and International Trade in the Product Cycle, Quaterly Journal of Economics, 80, 190-207.
- Williams, E. (1983) Entrepreneurship, innovation and economic growth, Technovation, 1, 1, 3-16.

São Paulo, 29 de dezembro de 1991